



ARTIGO

A construção de objetos de tecnodiscurso: questões teórico-metodológicas

Construction of technodiscourse objects: theoretical and methodological issues

Clemilton Lopes Pinheiro¹ 
Stelyo Rubens de Souza Nogueira² 

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
²Secretaria da Educação do Estado do Ceará, Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil.
E-mails: clemilton.pinheiro@ufrn.br; stelyorubens@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, consideramos, por um lado, o quadro teórico da ADD (Análise do Discurso Digital), proposto por Marie-Anne Paveau, que tem como objeto de estudo o tecnodiscurso, isto é, produções discursivas digitais nativas que reúnem linguagem e tecnologia – intrinsecamente ligadas – em um compósito; por outro lado, o estudo de Lorenza Mondada, que propõe a noção de objetos de discurso como algo (uma espécie de “referente” discursivamente construído) em torno do qual a atividade enunciativa se organiza nas práticas de apreensão, formulação e descrição do mundo pelos falantes. Dadas as especificidades do tecnodiscurso, propomos a noção de objeto de tecnodiscurso, ou seja, referentes construídos pelos processos tecnodiscursivos, como categoria analítica da dinâmica tecnodiscursiva. As noções de objeto de discurso e objetos de tecnodiscurso guardam, portanto, semelhanças, mas também diferenças. Isso abre caminho para a problemática teórico-metodológica em torno da construção dos objetos de tecnodiscurso. Nosso objetivo é, portanto, apontar alguns elementos de reflexão sobre essa problemática.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso digital, Objeto de discurso, Objeto de tecnodiscurso, Tecnodiscurso.

ABSTRACT: In this work, we consider, on one hand, DDA (Digital Discourse Analysis) theoretical framework, proposed by Marie-Anne Paveau, whose object of study is technodiscourse, that is, digital native discursive productions that bring together language and technology – intrinsically linked – in a composite; on the other hand, the study of Lorenza Mondada, who proposes the notion of discourse objects, that is something around which the enunciative activity is organized in the practices of apprehension, formulation and description of the world by speakers. Given the specificities of technodiscourse, we propose the notion of technodiscourse object, that is, referents constructed by technodiscursive processes, as an analytical category of technodiscursive dynamics. The notions of object of discourse and object of technodiscourse therefore hold similarities, but also differences. This opens the way to the theoretical and methodological problematic around the construction of technodiscourse objects. Our goal is to reflect on this problematic.

KEYWORDS: Digital Discourse, Discourse Objects, Technodiscourse Objects, Technodiscourse.

COMO CITAR

PINHEIRO, Clemilton Lopes;
NOGUEIRA, Stelyo Rubens de Souza. A construção de objetos de tecnodiscurso: questões teórico-metodológicas. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1872, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1872>

1 Introdução

É fato notório que, atualmente, grande parte das interações e dos relacionamentos humanos ocorre, em alguma medida e em graus variados, em dispositivos digitais conectados à Internet. A tecnologia digital não significa apenas um novo canal, mas um fenômeno que provoca uma transformação no próprio ambiente de comunicação e interação, e que extrapola a interação verbal, pondo em questão os modelos tradicionalmente usados para explicar seu funcionamento.

Enquanto a análise que caracteriza grande parte dos estudos do texto/discurso, por exemplo, considera o texto em contexto, o lugar social em que está inscrito, a Internet reconfigura a noção de contexto e de lugar social e atribui a essa noção uma dimensão relacional, que atua de uma forma sem precedentes no funcionamento das interações. Paveau (2017) propõe a expressão “discours natif en ligne” (tecnodiscurso) para o discurso produzido no ambiente digital (por meio de um dispositivo conectado à Internet). A Análise do Discurso Digital (ADD) é, nessa perspectiva, a análise dos tecnodiscursos. O tecnodiscurso não é um *corpus*, mas um ambiente que modifica a própria natureza do signo linguístico. Considerando essa perspectiva, Paveau (2017, p. 14) defende a necessidade de rever os conceitos relativos ao tecnodiscurso e “repensar o arcabouço teórico e metodológico da análise do discurso”.

Essa reivindicação de Paveau (2017) nos conduziu a pensar sobre a noção de objeto de discurso tal como proposta por Mondada (1994). A autora propôs a noção de objetos de discurso (referentes construídos pelos processos discursivos) como uma forma de trazer a análise linguística para o campo dos estudos do discurso. Os objetos de discurso são, portanto, para a autora, um “ângulo de abordagem específico, que permite tratar fenômenos de diferentes níveis da análise linguística” (Mondada, 1994, p. 11).

Para Mondada (1994), a potencialidade do sistema linguístico e dos dispositivos discursivos é explorada na análise de um *corpus* heterogêneo em termos de “modos de escrita” (autobiografias, artigos, contos de aventura, descrições etnográficas, guias de viagem, verbetes de enciclopédia), mas relacionados por uma mesma temática: descrição de viagem. A autora defende que “esses textos são um ponto em uma rede virtual de outros *corpora* possíveis, paralelos ou a aparecer, que constituem lugares de observação das dinâmicas do discurso” (Mondada, 1994, p. 609). Isso significa dizer também que a concepção de objeto de discurso vale tanto para textos escritos como falados, sem negar as suas especificidades.

O tecnodiscurso, sendo evento de linguagem, comporta igualmente referentes, construídos por processos discursivos. No entanto, não cabe, como reivindica Paveau (2017), falar de objeto de discurso, nesse contexto, sob o mesmo arcabouço teórico desenhado com base unicamente no funcionamento da linguagem verbal, como fez Mondada (1994). Defendemos, portanto, o uso da noção de objetos de tecnodiscurso, ou seja, referentes construídos pelos processos tecnodiscursivos, que, segundo uma perspectiva não-dualista, integram o humano, a máquina, o linguístico e o tecnológico. Neste artigo, nosso objetivo é refletir sobre a problemática teórico-metodológica em torno da construção dos objetos de tecnodiscurso.

Partimos de uma breve exposição das especificidades do tecnodiscurso, com base principalmente na perspectiva da ADD, retomamos a proposta de Mondada (1994) sobre a construção de objetos de discurso em textos de descrição de viagem e discutimos o alcance e os limites dessa proposta para a análise da construção de objetos de tecnodiscurso, tendo em vista as suas especificidades.

Situamo-nos, nesse sentido, do ponto de vista da natureza do trabalho, no campo da pesquisa de análise conceitual cujo propósito específico, como sugere o nome, é a elaboração ou o estabelecimento de relações entre conceitos, focalizando os seus diferentes aspectos (Raïche e Noël-Gaudreaul, 2008).

2 O funcionamento do tecnodiscurso

A pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau tem o mérito de apresentar uma série de conceitos inéditos relativos ao discurso digital e de propor a ADD como abordagem teórica desse campo (Paveau, 2017). A autora toma como ponto de partida, na formulação desses conceitos, o fato de que o trabalho feito pelas disciplinas dos estudos do texto, discurso e interação com discurso digital não vislumbra a dimensão nativa desses discursos.

Essa dimensão nativa dos discursos pode ser explicada com base em uma distinção conceitual que Paveau (2015) faz entre três concepções de “digital”. Para a autora, o termo “numérique” (digital) “é genérico e compreende situações tecnodiscursivas diferentes” (Paveau, 2015, p. 4). Ao se comparar, por exemplo, um texto escaneado e postado em um site e um texto de um blog com seus vários *links*, observam-se diferenças, de ordem linguística, que dizem respeito ao modo de escrita/leitura e de sua inserção na Internet. Para dar conta dessas diferenças, a autora propõe, então, três conceitos: “numérisé” (digitalizado), “numérique” (produzido *off-line*), “numérique” (digital nativo). Para a autora, “um documento digitalizado é o produto de uma postagem em um ambiente digital. A partir de uma versão impressa, ele é inserido em um *software* ou é escaneado” (Paveau, 2015, p. 5). Trata-se de um documento que não apresenta elementos clicáveis que conduzem a outros documentos *on-line*, ou seja, não comporta traços tecnolinguageiros (um livro escaneado e postado na Internet, por exemplo). Um documento produzido *off-line* (escrito no computador, tablet ou telefone celular) “fica facultativamente *on-line* (livros, revistas) e pode ser integrado ao ecossistema da Web ou permanecer *off-line*, como documento de trabalho, mas não é nativamente destinado para a Internet” (Paveau, 2015, p. 7). Por fim, “numérique”, um documento digital nativo é produzido nativamente *on-line*, em um site, um blog ou uma rede social, todo espaço digital que acolhe a produção de discurso” (Paveau, 2015, p. 8).

Paveau (2017), portanto, toma os discursos produzidos em um ecossistema digital conectado, o “discours natif en ligne” (tecnodiscurso) como o objeto da ADD. Esse ecossistema digital modifica a própria natureza do signo linguístico, que passa a ser, ao mesmo tempo, linguístico e tecnológico. Os tecnodiscursos são, nesse contexto, produções discursivas que reúnem linguagem e tecnologia em um compósito no qual a extração de um ou de outro desses aspectos não é possível.

Esse é o caso de quase todos os elementos clicáveis, que têm as características do signo clássico, com um significante, um significado e um referente, e as de um elemento dinâmico e manipulável: *links* de hipertexto lexicalizados (ou seja, que apresentam segmentos linguísticos significantes), palavras-instrução integradas aos formatos de sites, blogs, redes sociais ou plataformas diversas (ocultar, bloquear etc.) plataformas (ocultar, bloquear, denunciar no Twitter, comentar, compartilhar no Facebook, página seguinte, arquivos, administrador o Site em um blog etc.), hashtags, pseudônimos e nomes de contas nas redes sociais, e milhares de outras

tecnopalavras que têm a propriedade inédita *off-line* de realizar atos tecnolinguageiros ou de levar a elementos-alvo, páginas, documentos, listas, dados de todos os tipos. (Paveau, 2016, p. 25)

Como um compósito que reúne linguagem e tecnologia, o tecnodiscurso é necessariamente plurissemiótico, ou seja, é constituído de imagens de vários tipos, vídeos e sons. “As redes sociais como Youtube, Deezer, MySpace ou DailyMotion são, por exemplo, espaço de hibridismo semiótico onde múltiplas formas textuais compósitas podem aparecer” (Paveau, 2017, p. 20).

Um dos principais traços do tecnodiscurso é também a presença de enunciados deslinearizados, que aumentam constantemente, e, portanto, são inumeráveis. A deslinearização consiste na intervenção de elementos clicáveis no desenrolar do discurso que direcionam o escritor de um ponto (discurso de origem) para outro (discurso alvo), estabelecendo, dessa forma, uma relação entre dois ou mais discursos. Essa ligação pode ser estabelecida, por exemplo, por uma *hashtag*, um link. “Em um blog ou jornal *on-line*, por exemplo, o leitor escreve o texto à medida que lê, clicando nos links fornecidos” (Develotte; Paveau, 2017, p. 207).

A deslinearização dos enunciados do tecnodiscurso rompe, nesse sentido, com a perspectiva da linearidade do signo verbal e põe em questão as categorias de análise da linguística habitualmente fundadas nesse princípio. Isso pede outra ordem, outro princípio para a produção e recepção do sentido, o princípio de que o discurso se constrói por relação: “a reticularidade da Internet construída pelos algoritmos implica no fato de todos os enunciados *on-line* serem links; a relação é um traço estruturante dos discursos digitais nativos” (Develotte; Paveau, 2017, p. 205-206)

Todo enunciado na Internet pode receber uma intervenção, ser incrementado, acrescido de outros enunciados, como ocorre, por exemplo, com os comentários nos blogs e nas redes sociais. Como os enunciados do tecnodiscurso estão sempre aumentando, sendo incrementados, eles são inumeráveis. Segundo Develotte e Paveau (2017), trata-se de um duplo processo.

Os enunciados digitais nativos são duplamente inumeráveis: por um lado, ao contrário das declarações *off-line* (livros, jornais, conversações), não são fechados, sempre transformados, principalmente pela deslinearização ou aumento; por outro lado, como a Internet é um universo relacional e a rede social permite compartilhamento, qualquer enunciado provavelmente será recolocado em circulação em outros contextos que não o original e será novamente deslinearizado ou aumentado. (Develotte; Paveau, 2017, p. 207)

O fato de que todo enunciado do tecnodiscurso pode ser sempre recolocado, deslinearizado e aumentado permite que seja produzido por vários escritores-leitores no mesmo espaço, ao mesmo tempo. Conseqüentemente, isso causa uma mudança na ordem da enunciação: os locutores no contexto digital nativo nascem na Internet e não são equivalentes aos locutores *off-line*. O substrato algorítmico da Internet “implica repensar a concepção de enunciação e o padrão persistente da situação de enunciação com base nos quatro parâmetros locutor-interlocutor-tempo-localização” (Paveau, 2017, p. 24-25).

Em resumo, ao propor a ADD a partir da formulação de uma série de conceitos inéditos, os quais, embora de forma breve, acabamos de retomar, Marie Anne Paveau também aponta

a necessidade de considerar as especificidades do discurso digital nativo (tecnodiscurso), configuradas por esses conceitos, na análise dos enunciados produzidos nesse ambiente. Para a autora, a “Internet, e a Web em particular, não constituem um simples suporte para uma produção escrita postada, mas antes ambientes que configuram estruturalmente as escritas de maneira específica” (Paveau, 2015, p. 1).

3 De objetos de discurso para objetos de tecnodiscurso

A noção de objetos de discurso foi proposta pela suíça Lorenza Mondada, em sua tese de doutorado (Mondada, 1994), com o objetivo de descrever a dinâmica do discurso de modo a também reformular problemas teórico-metodológicos da própria Linguística. Um objeto de discurso é algo (uma espécie de “referente”) em torno do qual a atividade enunciativa se organiza nas práticas de apreensão, formulação e descrição do mundo pelos falantes: “é um objeto constitutivamente discursivo, construído por meios e processos linguísticos” (Mondada, 1994, p. 62). Destaca-se, nessa definição, portanto, a natureza discursiva do objeto de discurso.

Os objetos de discurso são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados no e pelo discurso. Não pré-existem no discurso e não têm estrutura fixa, mas ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. Dito de outra forma, o objeto de discurso não se refere à verbalização de um objeto autônomo e externo ao discurso; ele não é um “referente” codificado linguisticamente. (Mondada, 1994, p. 62)

Não se pode negar (e não há nenhuma evidência para isso) que, à semelhança do discurso verbal, na dinâmica tecnodiscursiva, as práticas de apreensão, formulação e descrição do mundo (digital nativo) pelos enunciadores também se organizam em torno de algo. No entanto, pensamos que não se pode, dadas as especificidades do tecnodiscurso, adotar a noção de objeto de discurso nos mesmos termos em que foi formulada por Mondada (1994), mas, de forma alternativa, a de objetos de tecnodiscurso, ou seja, objetos que emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica tecnodiscursiva, um objeto constitutivamente tecnodiscursivo, construído por meios e processos languageiros e tecnológicos (um objeto compósito).

O objeto de tecnodiscurso está, igualmente, estreitamente ligado aos modos de organização do próprio tecnodiscurso (enunciados deslinearizados, inumeráveis, que aumentam constantemente), assim como às operações enunciativas que o regem. Isso requer, portanto, considerar a problemática teórico-metodológica decorrente das especificidades do discurso digital nativo em torno da construção dos objetos de tecnodiscurso.

Como não temos como desenvolver, aqui, essa problemática em toda sua extensão e complexidade, optamos por focalizar apenas alguns pontos. Faremos isso com base na comparação de alguns casos de postagem no X (antigo Twitter) sobre o tema “viagem de Lula” com a análise de Mondada (1994) sobre a construção de objetos de discurso em relatos de viagem¹.

¹ Usamos esses dados apenas como mera ilustração e não temos a intenção de realizar análise sistemática. Nesse sentido, eles não foram selecionados com base em nenhum critério técnico. Inspiramo-nos na temática de Mondada (1994) – viagem –, e coincidentemente, no momento da escrita deste trabalho, Lula, presidente do Brasil, realizava uma série de viagens, que foram tema nas redes sociais.

A análise de Mondada contempla três níveis: o de mostrar, o de nomear e o de ordenar, que dizem respeito, respectivamente, aos processos de introduzir, qualificar e organizar, em uma configuração complexa, os objetos de discurso.

Vamos considerar apenas o nível do mostrar. Nesse nível, percebe-se que uma rede de referências enunciativas, construídas no texto, permitem ancorar os objetos de discursos, justificar a introdução e o desenvolvimento, estabelecer sua verdade e sua factualidade, construir a autoridade do locutor como testemunha ou como conhecedor.

Dessa constatação, destacamos o fato de que um dos processos responsáveis pela introdução do objeto de discurso é o dispositivo enunciativo, ou seja, as referências enunciativas (enunciador, enunciatário, tempo, lugar), as quais são a base do texto. “Elas são construídas, agenciadas, organizadas de modo a funcionar como recursos para estruturar a produção do texto. Nesse caso, elas garantem o acesso, a ativação e a distribuição dos objetos de discurso no texto” (Mondada, 1994, p. 275). Em 01, podemos ver, por exemplo, um caso em que o objeto de discurso (“Bergame”) é introduzido por um movimento de chegada do sujeito enunciador (marcado pelas formas “nós” e “viajante”).

01

Antes de chegar à Brescia, no curto momento que a carruagem deu ao viajante para ver as curiosidades, nós visitamos rapidamente Bergame. Bergame é a primeira cidade importante na rota de Milão à Veneza. [...]

(Mondada, 1994, p. 286).

Assim como nesse exemplo, Mondada (1994) analisa uma série de outros processos de introdução de objeto de discurso que têm como base o papel do enunciador como produtor de discursos, sua atividade dialógica e intersubjetiva (consigo mesmo enquanto primeiro enunciatário), assim como as heterogeneidades interlocutivas (relação enunciador-enunciatário).

A ancoragem do “eu” atravessa, então, muitos níveis, gerando ao mesmo tempo o evento (viagem) e o texto que ele constrói, e no seio desse texto, a enunciação e a meta-enunciação. Isso lhe permite continuar a gerir a introdução dos objetos mesmo quando ele ancora esses objetos em uma atividade, cognitiva ou perceptiva, do enunciatário. (Mondada, 1994, p. 302)

No que diz respeito ao objeto de tecnodiscurso, essa perspectiva de análise apresenta alguns problemas teórico-metodológicos. Para discuti-los, tomemos as postagens que extraímos do X (Figuras 1, 2, 3 e 4).



Figura 1 – postagem “Em destaque” X
 Fonte: X (print dos autores)



Figura 2 – postagem “comentários” X
 Fonte: X (print dos autores)



Figura 3 – postagem “Mais recentes” X
 Fonte: X (print dos autores)



Figura 4 – postagem “Mais recentes” X
 Fonte: X (print dos autores)

Para chegarmos a essas quatro postagens, entramos na nossa própria conta do X e fizemos uma busca pela palavra-chave “viagem de Lula”, ou seja, como analista, já tínhamos previamente estabelecido nosso possível foco de interesse: saber como as práticas de apreensão, formulação e descrição do mundo (digital nativo) pelos enunciadores se organizam, na dinâmica do tecnodiscurso, em torno do objeto “viagem de Lula”. Na nossa busca, no momento, dia 12 de maio de 2023, por volta das 21h, o X nos deu a postagem em destaque (Figura 1).

Esse movimento de busca nos coloca na posição não apenas de analista, mas também de escritores/leitores, ou seja, o(a) analista do tecnodiscurso é também um(a) leitor(a)/escritor(a). Em certa medida, o(a) analista do discurso verbal também é um(a) leitor(a), mas não precisa tomar determinadas decisões, como escolher um *link* e direcionar a leitura, porque os dados em análise são fixos. Como assinala Paveau (2016), a atividade de leitura/escrita no tecnodiscurso implica uma dupla subjetividade: a da manipulação e a do caminho a percorrer. Trata-se, de saída, de uma primeira problemática: a análise depende das condições e da forma como o(a) analista acessa e manipula os dados.

No nosso caso, tínhamos algumas opções para clicar na primeira postagem (Figura 1): a foto de Lula na descida do avião, na China, o nome “Claudio Dantas”, usuário da conta, ou as expressões “Mais recentes”, “Pessoas”, “Fotos”. Clicamos primeiro na foto e fomos direcionados para a página da Jovem Pan (jovemopan.com.br) e nos deparamos com a reportagem da jornalista Janaína Camelo, publicada em 08/05/2023, atualizada no dia seguinte. Nesse caso, saímos do digital nativo, pois a reportagem é um documento produzido *off-line*, não é nativamente destinado para a Internet. Se seguissemos esse caminho, sairíamos, portanto, do tecnodiscurso e faríamos a análise de um objeto de discurso com base na reportagem. Voltamos, então, para a postagem inicial, clicamos no nome do usuário da conta e fomos conduzidos para os comentários (Figura 2). Ainda na postagem inicial, acessamos o *link* “Em destaque” e fomos conduzidos para outra postagem (Figura 3). Após exatos 54 segundos nessa postagem, rolamos a tela e uma nova postagem apareceu (Figura 4). Tínhamos ainda a opção de clicar na segunda postagem (na Figura 1, o X da Revista Oeste) e nos demais que se seguiam se rolássemos a tela. Em cada caso, encontraríamos infinitas possibilidades de enunciados sobre “viagem de Lula”. Cada uma dessas possibilidades aponta para uma análise, provavelmente com resultados diferentes, sobre a construção desse objeto de tecnodiscurso.

Vemos, aqui, nada mais que a suspensão da ordem linear do discurso (deslinearização) e a relação que caracteriza o X como tecnodiscurso. Isso aporta um problema para o que pode ser tomado como introdução do objeto de discurso. As postagens que apresentamos, aqui, são dados ínfimos sobre o objeto de discurso “viagem de Lula”, e isolados não passam de uma ficção linguística digital. A ideia de introdução pressupõe, em certo sentido, um ponto inicial, como ocorre em uma carta, um guia de viagem, um artigo, uma reportagem (textos que apresentam um começo e um fim). Na rede de relações de enunciados deslinearizados e em constante crescimento, sem início ou fim, não há um ponto no qual se possa ancorar a introdução do objeto. Apenas nos ínfimos exemplos que trouxemos aqui, qualquer uma das postagens poderia ser tomada como ponto de introdução, e outros tantos ainda são possíveis, dependendo, inclusive, como já apontamos, das condições da própria análise.

Nos exemplos que trouxemos, aqui, é possível perceber, com bastante segurança, que o objeto “viagem de Lula” organiza a forma de apreender, descrever e formular o mundo. Uma

rápida análise do comentário da conta de Danilo Félix (“é o dinheiro dos nossos impostos que paga essa farra” – Figura 2) permite-nos observar uma forma de descrição e formulação do mundo: a viagem é descrita como “uma farra”. No entanto, como base nesse exemplo, só é possível afirmar que esse objeto “circula” no tecnodiscurso, e continuará circulando, mas não há como saber em que momento ele foi introduzido. Na análise da construção de objetos de tecnodiscurso, portanto, não é possível se operar, seja no ponto de visto metodológico ou conceitual com a noção de introdução, pelo menos nos termos como foi posta pela análise de textos verbais.

Outro problema que se coloca nessa esteira da introdução de objetos de tecnodiscurso é a atuação do dispositivo enunciativo. Como vimos, a distinção enunciador/enunciatório se desfaz na medida em que, no tecnodiscurso, não é possível distinguir um locutor, um interlocutor, um espaço, um tempo. Todas essas instâncias enunciativas são embaralhadas pela dinâmica do tecnodiscurso e, como assinala Paveau (2015), a questão de saber quem fala perde a pertinência no tecnodiscurso, pois a voz dos enunciadores é igualmente compósita. Se tomássemos a primeira postagem (Figura 1) e fizéssemos essa pergunta, por exemplo, de saída, já poderíamos pensar no embaralhamento de, no mínimo, dois enunciadores: Cláudio Dantas ou Jovem Pan. Apenas em um dos trechos printados das postagens do X (Figura 2), estão assinalados quatro “autor” (Heitor, alemotion.eth, KATIA CORTEZ, Danilo Félix), e cada um desses trechos é acrescido pelas respostas. Nesse sentido, como determinar o enunciador da postagem para especificar o dispositivo enunciativo que ancora a introdução dos objetos?

Em resumo, a perspectiva teórica, desenvolvida a partir do discurso verbal, segunda a qual é preciso estabelecer o dispositivo enunciativo para dar conta da relação entre introdução do objeto de discurso e as atividades do enunciador, exige um redirecionamento no caso do objeto de tecnodiscurso. É necessário, portanto, apurar o conceito de dispositivo enunciativo do tecnodiscurso para que se possa propor um desenho para a constituição da rede de referências enunciativas.

4 Conclusão

Neste trabalho, propomos a noção de objetos de tecnodiscurso como categoria analítica das dinâmicas do discurso digital nativo (tecnodiscurso), inspirados pela noção de objetos de discurso formulada por Mondada (1994) com base na observação do funcionamento do discurso verbal. Na esteira da definição de objeto de discurso, defendemos que os objetos de tecnodiscurso podem ser concebidos como referentes construídos pelos processos tecnodiscursivos, que, segundo uma perspectiva não-dualista, integram o humano, a máquina, o linguístico e o tecnológico. As noções de objeto de discurso e objetos de tecnodiscurso guardam, portanto, semelhanças, mas também diferenças. Isso abre caminho para a problemática teórico-metodológica em torno da construção dos objetos de tecnodiscurso.

Dado o caráter amplo e complexo dessa problemática, trouxemos, como amostra, apenas uma das inúmeras questões aí envolvidas: a que diz respeito às operações que asseguram a introdução do objeto de tecnodiscurso (nível do mostrar). A ideia de introdução, ao menos a que pressupõe a existência de uma unidade linear, com começo, meio e fim, não se aplica ao tecnodiscurso, sobretudo em função da sua natureza deslinearizada e da sua infinitude.

Da mesma forma, como as instâncias enunciativas são embaralhadas pela dinâmica do tecnodiscurso, é necessário apurar o conceito de dispositivo enunciativo do tecnodiscurso, se se aceita a perspectiva segundo a qual esse dispositivo ancora as operações de introdução de objetos.

Se avançarmos para os outros níveis de operações (as de qualificar e organizar objetos de tecnodiscurso), outras tantas questões emergem. No nível do qualificar, por exemplo, devem-se descrever os modos de formulação e denominação dos objetos, e essa descrição depende igualmente dos enunciadores, e, conseqüentemente, do conceito de dispositivo enunciativo. O nível da organização, ou seja, da maneira como os objetos de tecnodiscursos constituem uma configuração ordenada e complexa, prevê um princípio estruturante. Para a organização dos objetos de discurso, um dos princípios é a linearização das descrições. Novamente, dada a natureza deslinearizada e a infinitude do tecnodiscurso, esse princípio não é operante.

Estão, aqui, anunciadas apenas algumas das inúmeras questões (talvez a ponta de um *iceberg*) de um processo muito complexo, que precisa ser levado a cabo, que é apresentar um quadro teórico-metodológico para fundamentar a análise da construção de objetos de tecnodiscurso. As especificidades dos processos de construção de objetos de tecnodiscurso não estão postas, com evidências, como estão as especificidades do tecnodiscurso (que são o objeto da ADD). Elas devem ser construídas a partir da observação de dados seguindo hipóteses como as que propomos, neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- DEVELOTTE, Christine; PAVEAU, Marie-Anne. Pratiques discursives et interactionnelles en contexte numérique. Questionnements linguistiques. *Revue Langage et société*, v. 160-161, n. 2-3, p. 199-215, 2017.
- MONDADA, Lorenza. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: Approche linguistique de la construction des objets de discours*. 1994. (Thèse) – Faculté des Lettres, Université de Lausanne, Lausanne, 1994.
- PAVEAU, Marie-Anne. Ce qui s'écrit dans les univers numériques. *Itinéraires*, n. 1, p. 1-24, 2015.
- PAVEAU, Marie-Anne. Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écriture. Le discours hypertextualisé. *Revue SEMEN*, n. 42, p. 23-48, 2016.
- PAVEAU, Marie-Anne. *L'Analyse du discours numérique: Dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Ed. Hermann, 2017.
- RAÏCHE, Gilles; Noël-Gaudreault, Monique. Article de recherche théorique et article de recherche empirique: particularités. *Revue des sciences de l'éducation*, v. 34, n. 2, p. 485-490, 2008.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Os autores contribuíram igualmente para a concepção, planejamento, redação e revisão do trabalho.